

Projeto reacende debate sobre alimentos transgênicos

Proposta que está na pauta de amanhã da Comissão de Agricultura do Senado estabelece que apenas haverá aviso na embalagem se mais de 1% do produto final se compuser de organismo geneticamente modificado

Goirete Brandão

DEVE SER VOTADO AMANHÃ pela Comissão de Agricultura e Reforma Agrária (CRA) o projeto que altera a identificação e a rotulagem dos alimentos produzidos a partir de matéria-prima transgênica (ou geneticamente modificada).

A proposta (PLC 34/2015) reacendeu a polémica sobre os alimentos transgênicos — mais especificamente, sobre o direito dos consumidores de saber se os produtos ofertados nas prateleiras dos supermercados contém ou não organismos geneticamente modificados.

Atualmente, se há milho ou soja transgênica na composição do alimento à venda, por exemplo, a informação deve estar no rótulo. Se o projeto virar lei, só haverá aviso se for detectado a partir de 1% de material transgênico no produto acabado.

A proposta também retira das embalagens a letra T gravada em negro dentro de um triângulo de fundo amarelo. Utilizado há 14 anos no Brasil, o símbolo objetiva ajudar o consumidor a reconhecer os alimentos com matéria-prima transgênica. O projeto em estudo na CRA mantém apenas a informação escrita — “contém (nome do ingrediente) transgênico”.

O projeto foi elaborado pelo deputado Luis Carlos Heinze (PP-RS). Para o senador Randolfe Rodrigues (Rede-AP), que foi o relator da proposta na Comissão de Ciência e Tecnologia (CCT), o ponto nuclear é a exigência de comprovação da presença de transgênicos no produto final. A CCT votou com Randolfe e rejeitou o projeto, com base no argumento

da impossibilidade técnica de obter material genético íntegro no produto acabado, para efeito de identificação da transgenia.

— O projeto não interessa ao consumidor, mas apenas àquelas empresas que querem ludibriar as pessoas, obrigá-las a adquirir produto objeto de transgenia sem que elas tenham conhecimento disso — criticou Randolfe.

Ideologia

Na CRA, o relator é Cidinho Santos (PR-MT), que pede a aprovação. Segundo o senador, incompreensões sobre a importância da tecnologia genética no campo dos alimentos levam os críticos a reagirem ao projeto por “motivos ideológicos ou religiosos”.

Para Cidinho, a fiscalização por amostras do produto final é a forma mais racional de comprovar se está sendo obedecida a legislação que torna obrigatória a oferta de informações ao público. Cidinho também discorda do uso do símbolo T nos rótulos, na sua visão “um elemento que motiva preconceitos contra alimentos seguros”.

— Não é necessário meter no produto um T grandão. Isso pode criar algo no inconsciente das pessoas e desvalorizar a mercadoria perante o mundo — argumenta.

Os passos da proposta no Congresso são acompanhados tanto por ONGs ambientalistas e associações de consumidores, contrárias à aprovação, como por entidades que representam a indústria de alimentos, que apoiam as mudanças sugeridas.

Os críticos concordam com Randolfe. Para eles, as novas regras propostas por Heinze

ze buscam ocultar a origem transgênica dos alimentos. Eles argumentam que aprovar a proposta equivalerá a fraudar direitos do cidadão. O advogado Maurício Guetta, do Instituto Socioambiental (ISA), afirma:

— Não existe no país proibição ao consumo de transgênicos. O que precisa haver é informação adequada, para que o consumidor possa tomar a decisão de usá-los ou não. Se o projeto for aprovado, certamente a lei que se originar dele será objeto de questionamento no Supremo Tribunal Federal.

A questão central do projeto não é a retirada do símbolo T dos rótulos, de acordo com os críticos. Ainda mais prejudicial seria a mudança relativa ao momento da detecção da presença de transgênicos — não mais com base na matéria-prima, mas no produto acabado.

Ocorre que boa parte dos alimentos que contêm organismo geneticamente modificado é ultraprocessada, caso do óleo e da margarina. Devido aos processos químicos envolvidos, o material genético do alimento in natura acaba alterado ou danificado. É o que explica Luiz



Pesquisadores em laboratório da Embrapa: estatal é a principal responsável pelo estudo de alimentos transgênicos no Brasil

Beltrão, biólogo e consultor legislativo do Senado da área de meio ambiente:

— Mesmo que o produto tenha sido feito com 100% de matéria-prima transgênica, a consequência é que se perderá a rastreabilidade dessa informação — afirma.

Estigmatização

Atualmente, vigoram regras que buscam assegurar a rastreabilidade dos alimentos transgênicos em toda a ca-

deia produtiva e logística do alimento, desde as sementes até a oferta dos produtos no comércio.

Ainda no campo, a informação sobre a natureza do produto deve constar dos documentos de venda dos produtos. De modo sucessivo, em cada etapa do processo até a elaboração do produto final, a informação está disponível, sem a necessária obrigação de testes laboratoriais.

Já os defensores do projeto reforçam os argumentos de Ci-

dinho. A Associação Brasileira das Indústrias de Alimentos (Abia) não reconhece os defeitos que estão sendo apontados no projeto.

Primeiro, a entidade observa que o texto não acaba com a obrigatoriedade de informar nos rótulos a presença de organismos geneticamente modificados no produto final. Segundo, para a Abia, o triângulo amarelo com o T no centro estigmatiza os transgênicos, pois pode levar o consumidor

a considerar que os alimentos com essa característica são nocivos à saúde. Segundo a entidade, o símbolo se assemelha a placas de advertência e atenção afixadas em locais de perigo, radiação, eletricidade e explosão.

A Abia afirma que as culturas transgênicas passam por rigorosas avaliações científicas e só podem ser liberadas para consumo após aprovação da Comissão Técnica Nacional de Biossegurança (CTNBio).

Receios

O consultor Luiz Beltrão está entre os que enxergam função didática e informativa no uso do T nos rótulos, por ser de rápida identificação, o que não acontece com a informação escrita “contém transgênico”. Para Beltrão, é equivocado associar o símbolo a reações de medo ou preconceito.

— Não há pesquisas que indiquem que o símbolo assusta, induza receios ou erros. Ao contrário, muitas pessoas ignoram a simbologia do T amarelo.

Guetta, do ISA, adverte para o risco de toda a discussão do projeto se concentrar na retirada ou não do T, com perda do foco sobre o que ele acredita que realmente está em jogo: a imposição da detecção da transgenia por meio da análise de laboratório somente no produto final.

Brasil é 2º maior produtor mundial de alimentos geneticamente modificados

Foi uma empresa dos Estados Unidos que, em 1994, iniciou a entrada do mundo em um novo ciclo da agricultura: a era dos transgênicos. A Calgene, na Califórnia, começou então a comercializar um tomate geneticamente modificado para ser mais resistente e chegar ainda rijo ao consumo.

Desde então, o mercado de transgênicos na agricultura avançou em escala significativa. Em 2016, 28 países plantaram culturas transgênicas e 40 importaram esse tipo de produto agrícola.

Os países produtores ocuparam 185 milhões de hectares com cultivos geneticamente modificados, principalmente soja, milho e algodão. O Brasil respondeu por 49 milhões de hectares — crescimento de 11% em

relação ao ano anterior, o mais expressivo entre todos os países. Com essa área, o Brasil ficou atrás apenas dos EUA no ranking global de produtores transgênicos. Os dados são do Serviço Internacional para a Aquisição de Aplicações em Agrobiotecnologia (ISAAA).

Izabela Mendes Carvalho, diretora do Serviço de Monitoramento em Biossegurança de Organismos Geneticamente Modificados, do Ministério da Agricultura, enxerga positivamente os avanços da engenharia genética no setor.

— A biotecnologia é uma importante ferramenta no melhoramento genético. Sua importância será cada vez maior, considerando os grandes desafios que os países vão enfrentar com as mudanças climáticas e a necessidade de produzir quantidades cada vez maiores de alimentos.

Se o Brasil aparece no alto do ranking de plantações transgênicas, está em posição desfavorável em relação às pesquisas. A Embrapa é responsável por uma variedade de soja licenciada para a empresa Monsanto, que atende não mais que 2% do mercado interno de sementes.

Izabela aponta a necessidade de mais esforços para que o país não fique para trás, o que pode deixar os produtores brasileiros cada vez mais nas mãos das multinacionais. No caso da soja, diz ela, o preço das sementes dobrou de valor desde a chegada das variedades transgênicas.

O pesquisador Eduardo Romano, da Embrapa, confirma o avanço da oligopolização do mercado de sementes transgênicas. O setor é dominado em escala global por apenas seis grandes empresas.

Consumidor ainda desconhece símbolo presente em rótulo



O desconhecimento sobre o significado do T dentro do triângulo amarelo — símbolo presente no rótulo de alimentos com matéria-prima transgênica — foi identificado em pesquisa realizada em 2014 pelo instituto Ipsos em parceria com a Associação Brasileira das Indústrias de Alimentos (Abia).

Dos entrevistados, apenas 6% reconheceram o T como indicação da transgenia em pesquisa realizada em 2014 pelo instituto Ipsos em parceria com a Associação Brasileira das Indústrias de Alimentos (Abia).

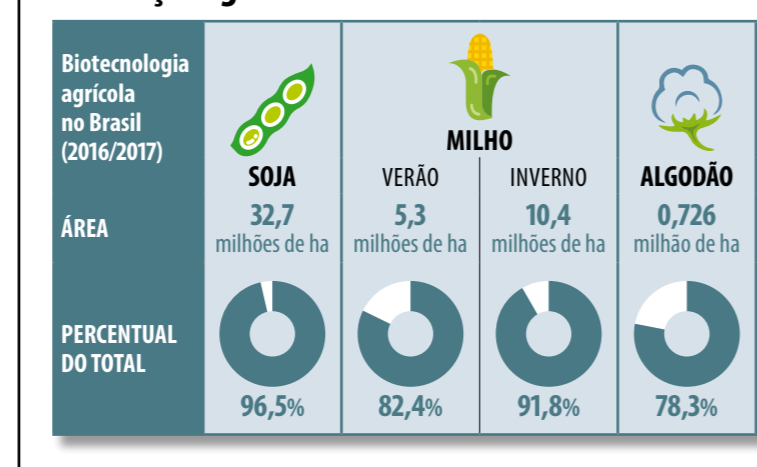
Dois entrevistados, apenas 6% reconheceram o T como indicação da transgenia em pesquisa realizada em 2014 pelo instituto Ipsos em parceria com a Associação Brasileira das Indústrias de Alimentos (Abia).

Para ele, o alto grau de desinformação sobre o significado da simbologia (85%) torna pouco crível os argumentos de que o uso do T nos rótulos cause reações generalizadas de insegurança em relação aos alimentos rotulados como transgênicos.

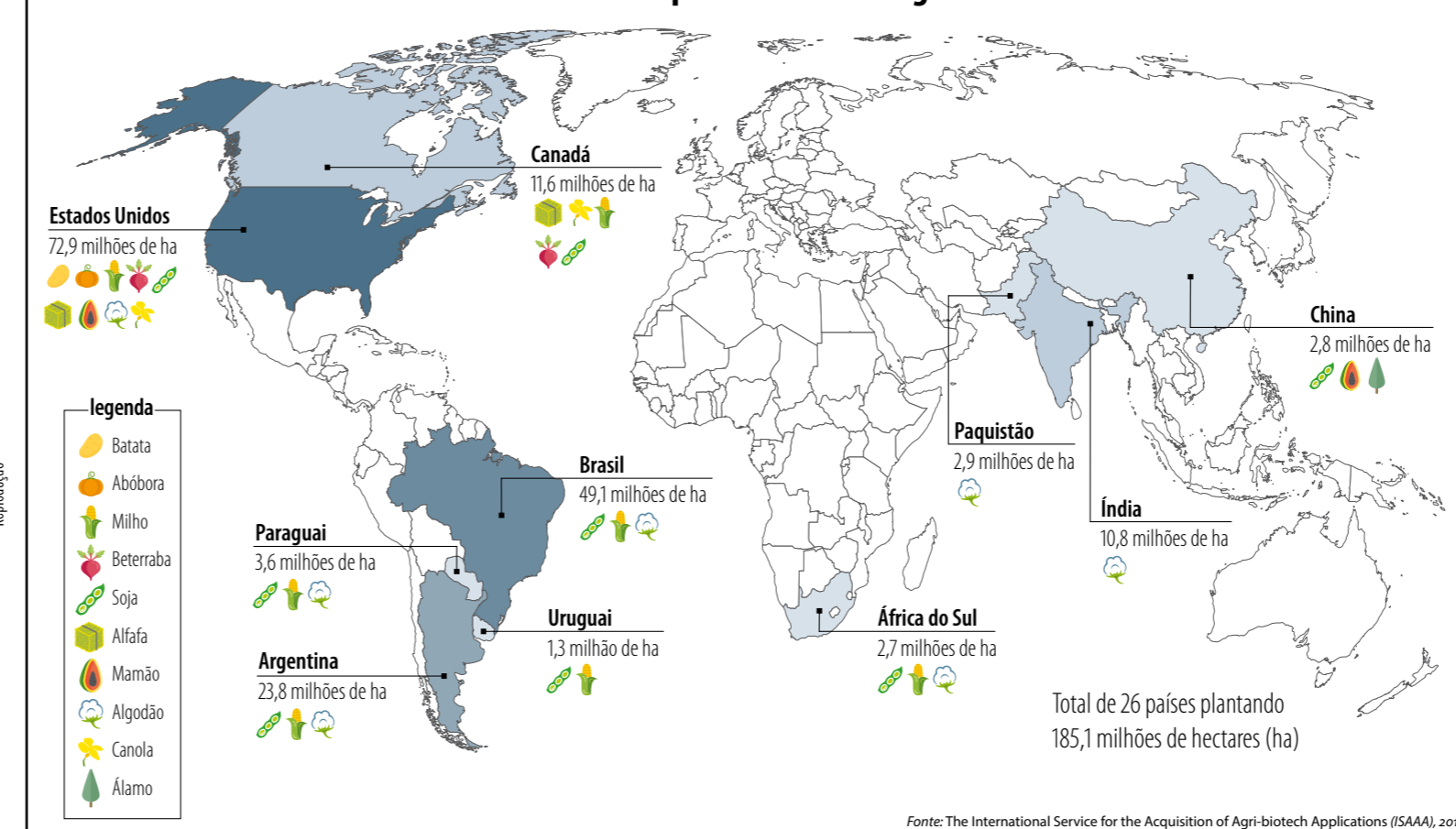
Mesmo assim, o consultor afirma que o fato de a maioria da população ignorar o significado do símbolo não deve servir de argumento para seu abandono.

— Desconhecimento se combate com esclarecimento, educação e informação, e não com a omissão de instruções consideradas necessárias para o exercício maduro do direito de escolha — disse.

Plantações geneticamente modificadas no Brasil



Países com maior área plantada de transgênicos em 2016



Cidinho Santos, relator na CRA, defende aprovação do projeto



Randolfe Rodrigues, que relatou texto na CCT, pediu a rejeição da proposta



Do Instituto Socioambiental, Maurício Guetta defende direito de informação



Consultor legislativo Luiz Beltrão pede ação judicial se projeto for aprovado

O que são os transgênicos?

O transgênico é um organismo que recebe um gene retirado de outro, o que lhe confere uma característica nova.

A depender do gene adicionado, a planta pode se tornar mais nutritiva ou mais resistente à seca, a pragas ou a agrotóxicos.

Os defensores dos alimentos transgênicos dizem que, há mais de 70 anos, pesquisadores usam diferentes técnicas com o objetivo de promover melhoramentos genéticos. Batata, milho e trigo já possuem genes originais de outras espécies.

— O homem modificou os alimentos por cruzamentos, seleções e mutagênese, entre outros processos que alteram o DNA, o material genético das plantas e suas características originais — observa Eduardo Romano, pesquisador da Embrapa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa).

O que aconteceu de mais novo na área foi o surgimento da técnica do DNA recombinante, nos anos 70, que abriu novas fronteiras para as pesquisas. A inovadora técnica permite que um gene seja isolado para ser colocado em outra espécie, sem a necessidade de compatibilidade sexual.

Entre os argumentos mais usados a favor da transgenia, está o de que essas técnicas permitirão ampliar a oferta de produtos agrícolas para atender à necessidade de alimentos da crescente população mundial. Os críticos reagem com a frequente menção de potenciais riscos no médio e no longo pra-

zo dessas culturas para a saúde humana (como o de aumento de alergias e da resistência a antibióticos) e para o meio ambiente (como o uso de substâncias tóxicas e radiação). Recentes estudos, feitos inclusive na Comunidade Europeia, não descartam riscos na produção e consumo de trans-

gênicos — afirma o advogado Maurício Guetta, do Instituto Socioambiental (ISA). De acordo com Romano, não existe motivo real para qualquer receio. Ele salienta que essa é a posição oficial da Organização Mundial da Saúde (OMS) e da Autoridade Europeia para a Segurança dos Alimentos.

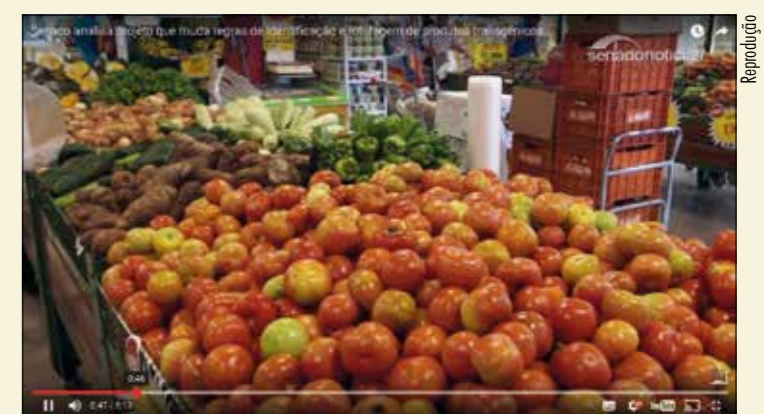
— Com relação aos organismos transgênicos, existe uma regulação muito forte, inclusive no Brasil. Usando o conhecimento científico atual, os estudos apontam que não existem riscos maiores nos produtos transgênicos em comparação com os não transgênicos — afirma o pesquisador.

Saiba mais

Boletim da Consultoria Legislativa do Senado sobre rotulagem de transgênicos
<http://bit.ly/Boletim59>

PLC 34/2015, em análise na Comissão de Agricultura e Reforma Agrária
<http://bit.ly/PLC34de2015>

Veja todas as edições do Especial Cidadania em www.senado.leg.br/especialcidadania



Assista a vídeo da Agência Senado sobre projeto que muda rótulo de alimentos com organismos geneticamente modificados: <http://bit.ly/projetotransgenicos>